

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

ELAINE SILVA DE MELO

**JOVENS E ADOLESCENTES NA ERA DA INFORMAÇÃO
Novas formas de se relacionar**

**São Paulo
2018**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

ELAINE SILVA DE MELO

**JOVENS E ADOLESCENTES NA ERA DA INFORMAÇÃO
Novas formas de se relacionar**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior.

**São Paulo
2018**

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Silva, por sempre ter acreditado em mim e não ter me deixado desistir, mesmo nos momentos mais difíceis que passamos juntas. Maria guerreira.

À minha irmã Gabriela Melo, por ter sido uma das pessoas que mais confiou no meu potencial e a quem eu pude ensinar muito do que sei – minha primeira aluna que agora anda só. Orgulho de você.

À minha amiga Dayane Soares, por ter sido mais do que uma amiga, ter sido uma irmã todos esses anos, enxugando minhas lágrimas mesmo que de longe e estando sempre presente. Uma pessoa que definitivamente tem o dom da escrita belíssima.

Ao Cursinho Comunitário Prestes Vestibulares que me ensinou muito mais do que simples conhecimentos para o vestibular, mas me ensinou que educação é um direito de todos, que aluno da periferia também pode sonhar com diploma universitário e que ensinar é a melhor forma de se aprender.

Ao Davidson, que está me ensinando que tudo tem seu tempo e as vezes é tempo de descansar.

Aos jovens e adolescentes que participaram dessa pesquisa e a todos que compartilharam e divulgaram os questionários em suas redes sociais.

Agradeço, por fim, aos docentes deste curso, especialmente a Prof.^a Dr.^a Dulce Tourinho Baptista, por ter despertado em mim o interesse pela produção acadêmica, como minha orientadora de Iniciação Científica em 2016. E ao meu orientador Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior, que teve interesse pelo tema proposto e por ter me auxiliado nessa jornada.

A estrada da vida é uma reta marcada de encruzilhadas. Caminhos certos e errados, encontros e desencontros do começo ao fim. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina - Exaltação de Aninha

JOVENS E ADOLESCENTES NA ERA DA INFORMAÇÃO: novas formas de se relacionar.

7.00.00.00-0 - Ciências Humanas

7.07.00.00-1 - Psicologia

autora: Elaine Silva de Melo

2018

orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior

RESUMO

O conceito de capitalismo informacional foi proposto na obra clássica de Manuel Castells "A Sociedade em Rede" (2002), e elege a tecnologia de informação como parâmetro das mudanças sociais que reorganizaram o modo de produção capitalista a partir da década de 1980. Castells observa a sociedade da virada do século XX para o século XXI, e vislumbra uma nova realidade de práticas sociais geradas pelas transformações decorrentes da "revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação" (CASTELLS, 2002, p. 39). Na atualidade, meios de comunicação tecnológicos propiciados pelo advento da internet fazem parte do cotidiano e mantêm todos conectados e recebendo informações a todo o instante. Com isso, um novo fenômeno vem surgindo: as relações dos indivíduos cada vez mais têm acontecido através das redes sociais virtuais e com o uso de aparelhos eletrônicos como os celulares. A partir desse contexto, o presente estudo teve como objetivo compreender o uso do aparelho celular e das redes sociais virtuais pelos jovens e adolescentes e, a partir disso, refletir como se dão essas formas de relacionamento entre pares na adolescência. Como metodologia foi utilizada a técnica de levantamento de dados bibliográficos para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, um questionário e uma entrevista semiestruturada. Participaram da pesquisa 49 jovens e adolescentes na faixa etária de 15 a 20 anos, residentes da cidade de São Paulo. Conclui-se o estudo com dados interessantes sobre como esse público entende e se relaciona com o auxílio do telefone celular, destacando os pontos negativos e positivos que o celular com acesso à internet traz para esses jovens e adolescentes.

palavras-chave: uso do celular; adolescência; amizades; tecnologias de informação e comunicação (TICs); psicologia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA.....	22
2. 1 Procedimento para coleta dos dados.....	23
2. 2 Participantes	24
2. 3 Procedimento de análise de dados	24
2. 4 Procedimentos éticos.....	24
3 RESULTADOS	26
3. 1 Visão dos jovens e adolescentes acerca do uso do celular: entrevista e questionários	26
3. 2 Redes sociais virtuais	32
3. 3 Amizades e comunicação	34
4 DISCUSSÃO	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
6 REFERÊNCIAS	46
7 ANEXOS	49
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	50
ANEXO B - ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE).....	51
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	52
ANEXO D - Roteiro da entrevista semiestruturada	53
ANEXO E - Parecer comitê de ética	54

1 INTRODUÇÃO

O uso de novas redes de telecomunicação como o celular com acesso à internet para se relacionar virtualmente ainda desperta opiniões controversas entre estudiosos, como veremos ao longo do presente trabalho. Temos estudiosos que acreditam que os relacionamentos virtuais dificultam os relacionamentos interpessoais (BAUMAN, 2004, 2009; EISENTEIN & ESTEFEN, 2008; SIMMEL, 1976; TURKLE, 2012) e outros pesquisadores que entendem a tecnologia como uma nova forma de se relacionar, não sendo necessariamente algo que afasta os indivíduos, mas que os une de forma diferente, em outro espaço, o virtual (CASTELLS, 2002, 2003; CORRER & FAIDIGA, 2017; NICOLACI-DA-COSTA, 2004, 2005, 2009, 2014; RODRIGUES, 2015).

No presente trabalho, buscou-se compreender o fenômeno das redes sociais e do uso do *smartphone*, e como essas mudanças têm afetado os adolescentes. Para tanto, discute-se o que é a adolescência na atualidade, o contexto histórico dos adolescentes de hoje, bem como de que forma o uso das redes sociais e do celular tem afetado as relações de garotas e rapazes que estão neste período da vida. Alguns conceitos como o de “atitude blasé” de Simmel (1976), e de “relações líquidas”, de Bauman (2004; 2009), serão utilizados, assim como a discussão proposta por Manuel Castells no livro "A Sociedade em Rede" (2002) e por Nicolaci-da-Costa (2004; 2005), além de outras contribuições teóricas que irão subsidiar o entendimento do objeto deste estudo e que são pertinentes ao tema proposto.

Para que seja possível o entendimento do fenômeno aqui estudado, se faz necessário entender algumas características da sociedade na qual estamos inseridos, as formas de comunicação utilizadas hoje pelos jovens e adolescentes e o conceito de adolescência.

Uma transformação fundamental foi a revolução tecnológica que ocorreu a partir da Revolução Industrial (CASTELLS, 2000), dando margem para o surgimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), algo que transformou ainda mais a forma como vivemos em sociedade, instalando um processo constante de mudanças nas formas de se relacionar, área que a psicologia busca estudar e compreender.

Na atualidade, as questões envolvendo as mudanças nas interações sociais que são influenciadas pelas novas tecnologias, especialmente nas fases iniciais do desenvolvimento humano, têm ocupado as discussões acadêmicas sobre os impactos para a compreensão da subjetividade moderna. A sociedade agrária, que privilegiava o contato pessoal e a forma nuclear da família, manteve-se até o final do século XVIII, quando os princípios da Revolução Francesa impulsionaram um processo de mobilidade que culminou com a Revolução Industrial, provocando uma mudança no modo de ser e de se conviver em sociedade em todo o mundo ocidental. Com a invenção do telefone e de outras formas de comunicação, o conhecimento disseminou-se entre todas as classes sociais. Era o início da globalização (Correr e Faidiga, 2017, p. 25).

A internet trouxe significativos impactos sociais, se tornando importante e essencial em atividades educacionais, políticas, econômicas, entre outras. Além disso, tem propiciado transformações na autonomia, liberdade, intimidade e privacidade dos indivíduos modernos. O aparelho celular tornou o acesso à internet ainda maior, possibilitando pesquisas em sites de busca, disponibilizando vídeos e fotos em tempo real, proporcionando o contato entre pessoas que dificilmente se conheceriam pessoalmente, permitindo ouvir músicas, jogar através do aparelho *online* ou *offline*, entre tantas outras ferramentas e opções que o uso do celular e internet possibilitam ao usuário.

Na nossa cultura ocidental e capitalista contemporânea, a Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) já faz parte do cotidiano das pessoas, causando impacto também sobre as formas de relacionamento: a internet tem facilitado o contato *online* entre as pessoas, possibilitando a formação de redes sociais virtuais. As tecnologias surgiram como um meio de comunicação eficaz que torna possível se relacionar com pessoas de diversos lugares em tempo real. Dessa forma, se tem notícias a todo instante e com a facilidade de um “click” e, além disso, as comunidades virtuais propiciam àqueles que delas participam o compartilhamento de uma gama de interesses sociais e culturais. Assim, segundo Castells, é possível deduzir que com auxílio da TIC as pessoas estão construindo novos padrões de interação social, o que dá origem àquilo que o autor chama de “sociedade de rede” (CASTELLS, 2003, p. 111).

O ciberespaço é um espaço no qual é possível interações de caráter comunitário. Ele é composto por comunidades virtuais que se mantêm em pleno funcionamento com a interação de diversas pessoas, possibilitando, assim,

novas formas de sociabilidade. É um fenômeno que ainda está sendo estudado, visto que o próprio ambiente virtual é móvel e se mantém em crescimento contínuo, não se trata apenas de uma rede, e sim de um conjunto de redes que se interligam, conectando a todos. Porém, cabe pensar nas implicações desse fenômeno sobre a individualidade e a vida em coletivo, dado que a territorialidade nas redes sociais é simbólica e não física (PALÁCIOS, 1996).

Cabe refletir também que, na atualidade, ter acesso às TIC's é algo que faz parte de significativa parcela da população mundial, mas tendo por recorte a cidade grande é possível pensar esse fenômeno como ainda mais envolvente e necessário na vida dos sujeitos. Para o sociólogo Georg Simmel (1976), nas grandes cidades ocorre o fenômeno da "*Atitude Blasé*", que é quando há um estado de indiferença para com o outro, de aversão. Porém, sem contato com o próximo o indivíduo se torna indiferente e incapaz de ser afetado por novas sensações. Segundo o autor, tudo isso acontece devido às grandes transformações que ocorrem com rapidez a todo o momento. O novo acaba nunca sendo novo, porque tudo está sempre em constante mudança e há um verdadeiro "bombardeio" de informações (SIMMEL, 1976). No entanto, cabe pensar se a reflexão proposta por Simmel não estaria datada, uma vez que nos últimos trinta anos houve muitas outras transformações na vida social de pessoas do mundo inteiro.

O número dos laços sociais aumentou quantitativamente com o encurtamento das distâncias, graças à tecnologia, porém eles também se tornaram mais superficiais, na medida em que tudo atualmente se tornou mais fluido e veloz, até mesmo o contato entre as pessoas (BAUMAN, 2009). Assim, as relações se tornaram mais impessoais, objetivas e supérfluas, e isso quando há o reconhecimento do outro, pois o morador da grande cidade acaba não notando a presença até mesmo daqueles que estão sempre presentes. No cotidiano, por exemplo, é comum um morador de um prédio da grande São Paulo não conhecer seu vizinho. E nas redes sociais a quantidade de amigos é mais importante do que o número de pessoas com quem se fala e mantém trocas.

O sociólogo Zygmunt Bauman propôs o conceito de "*sociedade líquida*", afirmando que o senso de comunidade na sociedade contemporânea se torna um mito. Assim, para ele, todas as formas de ajuda ao outro são vistas com desconfiança, sendo que o aprimoramento dos meios de transporte e

comunicação gera o que ele denominou de liquidez das relações, maior mobilidade e aceleração do ritmo de vida (BAUMAN, 2009).

Ainda com base nas reflexões de Bauman (2004; 2009), vivemos hoje em uma sociedade cada vez mais individualizada, na qual os relacionamentos líquidos (sejam amorosos ou não) acabam fazendo parte da vida dos seres humanos, porque estes não têm em quem confiar, uma vez que pela lógica da sociedade capitalista os indivíduos são levados a competir uns com os outros para assim conseguirem atingir seus objetivos. As pessoas dependem exclusivamente de si mesmas para isso. Sendo assim, o outro se torna mero objeto, como um produto do supermercado; todos se tornam descartáveis, trazendo à tona a desconfiança, o medo e a insegurança diante do outro. A partir disso, o ser humano acaba se sentindo solitário, mesmo em meio a uma multidão. Nada mais causa a sensação de estabilidade. Os produtos são feitos para se trocar, mesmo estando em bom estado, e as relações com o outro acabaram também se tornando uma forma de troca ditada pela sociedade do consumo, sendo que isso se traduz em pequenos sinais de incômodo nos indivíduos (BAUMAN, 2004).

As relações sociais impessoais são intensificadas nas redes sociais que existem atualmente de acordo com esses autores. Nos espaços virtuais de redes como *Instagram*, *Facebook*, *Whatsapp*, entre outras, as pessoas podem ter vários amigos, mas não os conhecem de fato ou mesmo mantêm com eles um vínculo duradouro, e, com a mesma facilidade com que se faz uma nova amizade ou se começa uma conversa, ela pode ser desfeita com apenas um “click”: se tem a facilidade de se conectar ao outro mas, da mesma forma, é simples se desconectar. Esse rompimento *online* é muito mais fácil e habitual de ser feito do que um relacionamento que tenha que ser desfeito olho no olho (KEHL, 2015).

Com a velocidade das comunicações e com o número cada vez maior de informações, o indivíduo entra em contato com vários assuntos, mas muitas vezes não se aprofunda em nenhum. O uso do aparelho celular e das redes sociais faz parte do cotidiano da maioria das pessoas; o uso dos *smartphones* é tão grande que eles entram em espaços que antes eram destinados somente para a troca social, como na hora das refeições, por exemplo, momento no qual poderia haver uma interação efetiva entre as pessoas. E até mesmo na hora de tomar banho, sendo comum as pessoas levarem o aparelho ao banheiro. Mesmo

entre amigos, conhecidos e familiares, a conversa por intermédio do celular se tornou comum. A psicóloga Sherry Turkle menciona em sua palestra “Conectados, mas sós” (TURKLE, 2012) que o simples fato de ter um celular em cima da mesa durante uma conversa faz diminuir o grau de interação entre os indivíduos.

Falar com alguém atrás de um texto escrito no *Whatsapp*, por exemplo, dá a segurança de poder editar o que será dito e, assim, se escolhe minuciosamente o que se diz. Tal como podemos observar em Turkle (2012), nos perfis das redes sociais virtuais é possível usar de ferramentas de edição para alterar aspectos físicos conforme a necessidade e desejo, e se tem uma poderosa ferramenta onde é possível modificar quem se é, seja fisicamente ou mesmo pela postagem de fotos e vídeos em situações nas quais há o desejo que os outros o/a vejam (feliz, se divertindo, satisfeito/a, etc).

O contato da pessoa consigo e com o outro é invadido pelo uso reiterado dos celulares. É importante que o indivíduo tenha um espaço para estar só consigo mesmo, pois esta solidão também favorece processos reflexivos relacionados à sua própria identidade. As tecnologias não possibilitam, portanto, esse espaço, uma vez que a todo momento, com o uso dos celulares, as pessoas tentam preencher o tempo visualizando mensagens ou vendo postagens no *Facebook* e *Instagram* tentando assim nunca sentirem ou estarem sós. Ao primeiro sinal de tédio ou solidão, o celular está ao lado para tentar preencher essa “lacuna”, e, assim, resta pouco tempo para ficar consigo mesmo (KEHL, 2008).

As curtidas no *Facebook* e no *Instagram* podem representar a aceitação por parte dos outros e também suprir a necessidade de nunca estar só, mesmo que isso ocorra a partir de interações numa rede social virtual da qual participam pessoas que muitas vezes nunca conversaram e apenas acompanham a vida do outro sem saberem quem é de fato aquela pessoa (TURKLE, 2012).

Na série “*Black Mirror*” (2011), oferecida pelo serviço de *streaming* de vídeo *Netflix*, é possível se deparar com situações nas quais o uso da tecnologia tem um papel fundamental e até simbiótico com o ser humano: ele controla e é totalmente controlado por esse mundo tecnológico. No episódio “*Queda livre*”, ofertado na terceira temporada da série, é contada a história de uma sociedade em que as pessoas recebem avaliações diárias, que são como curtidas que se

recebe ao postar algo ou nas interações com o próximo como, por exemplo, pegar o táxi e ser avaliada pelo motorista e se ter a oportunidade de fazer o mesmo, coisa que não está muito distante da nossa realidade atual. Porém, essas “curtidas” se estendem para qualquer tipo de relação e a partir disso é gerada uma pontuação que irá influenciar decisões como o cargo que a pessoa vai ocupar em uma empresa, a casa que ela pode comprar, os lugares que pode frequentar, o carro que pode alugar ou comprar, suas roupas, etc; tudo isso serve como base de avaliação na pontuação do seu perfil. Quanto mais alegre e feliz aparentar nas redes, mais pontos se tem, porque mais pessoas curtem as postagens e isso aumenta a pontuação da pessoa em questão. Nesse mundo utópico, mas com referências na nossa realidade, a raiva para com o outro ou a frustração deixa de existir. Mantém-se as aparências a todo custo, deixando de lado todos os reais sentimentos e negando totalmente a si mesmo, assumindo uma personagem que não é possível sustentar a longo prazo.

Esse aspecto fictício da série não se encontra longe de nossa realidade. Ter uma vida feliz no *Instagram* ou no *Facebook* pode não condizer com a realidade, mas a questão é: em que momento essa situação se torna uma fuga dos problemas reais? E quando lidar com o “real” se torna uma dificuldade?

O espaço da internet e das redes sociais virtuais também tem aspectos positivos, principalmente se tratando dos relacionamentos que são mantidos/ampliados nas redes, por meio dos relacionamentos advindos do círculo social ou daqueles feitos nessas redes sociais virtuais por meio de amigos em comum ou interesses parecidos. Esse acesso pode ser feito através do telefone celular que tem aplicativos de relacionamento como *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, por exemplo. Pensando dessa forma, Nicolaci-da-Costa (2005, p.55) afirma que:

A telefonia fixa e a telefonia celular facultam diversos tipos de interação virtual que mantêm e muitas vezes intensificam relacionamentos reais. Já a Internet gera possibilidades diferentes. Em primeiro lugar, permite a ocorrência de interações virtuais passageiras entre desconhecidos que freqüentam os ambientes de encontro nos quais (tal como em lugares de encontro "reais") muitos podem interagir com muitos em busca de afinidades que possam transformar essas interações passageiras em relacionamentos. Os relacionamentos virtuais, portanto, podem ser definidos como o desenvolvimento a médio e longo prazo dessas afinidades estabelecidas online (sendo

potencialmente tão duradouros quanto qualquer relacionamento "real").

O uso das TICs tem benefícios e contradições, pois as relações sociais através desses meios podem intensificar as formas de se relacionar ou dificultá-las (BAUMAN, 2009). Por um lado, encontramos uma elevada capacidade da internet para favorecer o enriquecimento interpessoal mediante o contato com diferentes pessoas e conhecimentos *online* e, por outro, também o perigo de se substituir o contato pessoal com os amigos e família pelo exclusivo contato virtual. Um tema que divide opiniões: os celulares com acesso à internet e a esses aplicativos para se relacionar têm o poder de substituir os relacionamentos presenciais?

As relações que são estabelecidas no âmbito virtual e com a utilização dos celulares não necessariamente substituem as relações fora do espaço virtual, mas pode complementá-las. As relações virtuais podem não significar o fim dos relacionamentos, mas um fortalecimento no sentido de que oferece às pessoas uma forma de se relacionar que ultrapassa o aspecto físico e as barreiras existentes e flexibiliza o tempo de interação (CASTELLS, 2007).

Nicolaci-da-Costa (2004) propõe uma perspectiva diferente daquela inicialmente predominante na literatura sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação. Por exemplo, quanto ao o uso dos celulares e as relações estabelecidas através da internet, ela busca entender tal uso como uma nova possibilidade de interação entre os indivíduos na atualidade.

Contudo, investigar o que os jovens e adolescentes entendem e como se veem diante de tais tecnologias é fundamental, principalmente porque é uma questão que tem chamado a atenção de vários pesquisadores da área da saúde, educação e psicologia.

Momento de vida com tantos desafios e mudanças físicas, sociais e psicológicas,

A adolescência é um momento privilegiado na transição entre passado e futuro, uma travessia em que o tempo não é linear. É uma vivência subjetiva complexa, em que há momentos de transgressão, numa busca desesperada pelo futuro, e momentos regressivos com uma volta e fixação ao passado (BUCHIANERI, 2012, p. 77).

O conceito de adolescência e a determinação da faixa etária que a compreende pode variar, a depender da cultura e do momento histórico do qual se trata:

Cada cultura possui um conceito de adolescência, e as idades para a definição deste período costumam variar. A Organização Mundial de Saúde – OMS determina que este é um período de vida que começa aos 10 e vai até os 19 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, define esta fase como característica dos 13 aos 18 anos de idade. Esta etapa também é dividida entre adolescência inicial (12 a 14 anos), adolescência propriamente dita (15 a 17 anos) e adolescência final (18 a 20 anos) (Blos, 1996). Percebe-se então que os critérios explicativos para demarcar o período da adolescência são diferentes em função da complexidade que tal fenômeno representa em termos de desenvolvimento humano (VERZA, 2008, p.65).

A palavra adolescência significa “crescer em direção à maturidade”, sendo um período de transição da infância para a idade adulta. Porém, para algumas sociedades não há essa fase de transição. Por exemplo, entre determinadas sociedades tribais, “o status de criança tende a ser contínuo ao de adulto” (Pereira, 2005, p.2), isto é, na puberdade, quando o indivíduo experimenta ritos de passagem próprios de sua cultura tribal, ao finalizar este processo ritualístico ele passa a ser considerado oficialmente um adulto naquela sociedade (PEREIRA, 2005).

Já em nossa cultura, esse período entre ser criança e ser adulto emerge na literatura com a modernidade industrializada. Passa a ser visto como um período de aprendizagem e amadurecimento físico e psíquico, um período de preparação para a vida adulta. E, assim, com essas características vagas, o momento de início e término da adolescência não é claramente definido. No geral, o adolescente não é visto nem como adulto e nem como criança.

As principais mudanças psicológicas da adolescência estão relacionadas com a necessidade de estabelecer um padrão de comportamento e uma personalidade própria que ainda se desconhece, pois ainda não se configurou totalmente. (PEREIRA, 2005, p. 7).

A adolescência é o período no qual um novo corpo se configura, agora com contornos semelhantes a corpos adultos e em que o indivíduo entra em

contato com novas emoções e comportamentos, o que irá propiciar a configuração de uma nova imagem sobre si mesmo, a partir da qual buscará também um novo espaço na sociedade adulta. Junto a essas mudanças surgem também responsabilidades que vão sendo assumidas ao longo deste processo, como terminar a escola, escolher uma profissão, ganhar independência financeira dos pais e até mesmo, em alguns casos, se comprometer com um relacionamento afetivo formal. Porém, os jovens da geração atual têm adiado cada vez mais a saída da casa dos pais e o ingresso no mercado de trabalho:

ser adolescente no século XXI tem se mostrado um desafio importante para todos: para o *mundo adulto*, no qual é necessário lidar com padrões de referência e modelos de ação no mundo muito distintos dos seus; para o Estado, que tem no adolescente um problema central em termos de formação, inserção no mercado de trabalho, sexualidade, saúde, segurança, consumo e família; e para o próprio adolescente, que tem de lidar com um mundo adulto que lhe dá poucas referências e modelos, que muitas vezes, são confusos, ambíguos e contraditórios, e se vê compelido a praticamente criar referenciais e construir formas de ser em um mundo contemporâneo caracterizado como complexo, heterogêneo e flexibilizado (Ribeiro et al., 2016, p. 13).

Assim, no mundo contemporâneo e globalizado, a experiência da adolescência se torna mais complexa, sendo comum a emergência de uma crise neste período da vida:

portanto, esse período envolve uma grande crise, com desestruturações e reestruturações de personalidade, principalmente no tocante à crise de identidade (necessidade de ser ele mesmo), à crise de autoridade (enfrentamento de normas ou imposição de modelos) e à crise sexual (posicionamento sexual e de gênero) - sem estabelecer faixas etárias determinadas (RIBEIRO et al., 2016, p.14).

A referência de adolescência para os pais é diferente daquela vivida pela geração dos filhos, pois, na atualidade, a velocidade das informações e os aspectos sociais estão em rápida transformação, especialmente por causa do avanço tecnológico que tem implicações diretas no modo como as pessoas se relacionam entre elas: “o adolescente, ou o jovem, vive um momento marcado pela transição de modelos, no qual velhos modelos ainda existem e novos modelos ainda não se consolidaram”, assinalam Ribeiro et al. (2016, p.15). Na

atualidade, o adolescente se depara com diversos modelos de trabalho, sexualidade, família, gênero, etc.

Já a fase compreendida entre 18 e 25 anos é reconhecida atualmente como um período de desenvolvimento distinto, denominado de juventude no campo da sociologia. O entendimento desses jovens também foi alterado com o tempo. Agora temos jovens dessa faixa etária na qual a idade de casamento aumentou e a saída da casa dos pais conseqüentemente foi postergada. Uma fase na qual a vigilância dos pais tende a diminuir, embora ainda haja jovens com atitudes e condutas mais próprias da adolescência do que da fase adulta inicial (BERGER, 2017).

E, nesse contexto, o uso do aparelho celular assume grande importância, uma vez que possibilita uma forma de se relacionar rápida e com o maior número de pessoas possível, na qual o acesso a grupos de amigos e parceiros(as) afetivos(as), e o compartilhamentos de ideias e preferências são possíveis sem que haja a necessidade de um deslocamento; e, principalmente, mantendo a privacidade com relação aos pais. Dessa forma, o smartphone é um instrumento extremamente reforçador. De acordo com Correr e Faidiga (2017, p.25),

Este instrumento midiático tem possibilitado aos adolescentes uma interação maior com os membros de seu grupo, em qualquer lugar e a qualquer hora. Além disso, facilita na organização de suas tarefas diárias e favorece o desenvolvimento de maturidade que traz como resultado uma maior autonomia e privacidade, longe dos olhares dos adultos.

O uso da internet e das redes sociais tem pontos negativos e positivos, e tem feito parte da vida das pessoas cada vez mais cedo, sendo que hoje, para os indivíduos na fase da adolescência, este uso já está consolidado. Alguns autores chegam a relacioná-lo com o risco à saúde, quando o limite entre o real e o virtual se perde:

Atualmente as crianças e os adolescentes vivem em dois mundos: aquele que todos conhecemos, o mundo real, e o mundo digital ou virtual, que parece muito mais interessante e surpreendente, oferecendo aventuras, oportunidades, a busca pela autonomia, mas também, perigo e riscos à saúde. O espaço cibernético, o mundo da internet e a velocidade da comunicação se tornaram o "lugar vivo de verdade" onde todos se encontram, aprendem, jogam, brincam, brigam, tiram fotos, ganham

dinheiro, começam e terminam amizades e namoros (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2008, p.42).

A questão da tecnologia tem sido um assunto bastante abordado nos últimos anos, devido ao maior acesso aos *smartphones* por parte de significativa parcela da sociedade e, também, às mídias sociais no Brasil. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), o celular é o principal meio para acessar a internet no país (IBGE, 2015). E o acesso à internet e ao celular por parte das crianças e adolescentes tem ocorrido cada vez mais cedo. Segundo Cabello, Claro e Cabello-Hutt (2015),

As crianças e adolescentes estão crescendo em um mundo conectado pela Internet, por dados móveis, redes sociais e outras tecnologias digitais. Em particular, o acesso à Internet aumentou significativamente entre os jovens, que a utilizam em diferentes espaços (por exemplo, em casa, na escola e em lugares públicos) e com finalidades diversas, como recreação, comunicação e para aprendizagem formal e informal (p.31).

As grandes empresas apostam em um marketing voltado cada vez mais para essa população jovem como consumidora de novos produtos tecnológicos. De acordo com uma pesquisa de mercado realizada no Reino Unido e patrocinada por empresas de celulares, o público jovem consome “mobilidade” porque se sente livre do controle parental (VERZA, 2008).

No obstante, la juventud se sitúa precisamente en el contexto socio-cultural preparado para el capitalismo consumista. Por este motivo, recae sobre ellos con la máxima exigencia los valores e ideales propios de la sociedad consumista (Fortunati e Manganelli, 2002, p.108).

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), no Brasil o uso das tecnologias está sendo introduzido cada vez mais cedo na vida das crianças e adolescentes. Entre outubro de 2014 e março de 2015, 77% da população brasileira entre 10 e 17 anos era usuária da internet. Entre os usuários de 9 a 17 anos, 82% acessaram a rede através do celular. Outro dado interessante é que, dessa faixa etária, 79% possuíam perfil em pelo menos uma rede social (TIC Kids Online Brasil, 2015).

Nos dias de hoje, durante a adolescência, na qual a aprovação social é tão importante, estar nas redes sociais contribui para manter esse público cada

vez mais conectado. Da mesma forma, é muito atrativa/reforçadora a possibilidade de alterar o que se diz, pois isso pode aumentar o grau de aceitação do adolescente por parte do grupo e traz segurança ao se relacionar (SCHILLER, 2002; CASTELLS, 2002).

Além de promover este senso de autonomia, o uso dos celulares mantém a privacidade longe da vigilância dos membros do círculo familiar. Por meio do *smartphone* é possível ter a liberdade de conversar com qualquer pessoa, em qualquer hora, sem que isso seja do conhecimento dos outros membros da família:

Essa liberdade, por sua vez, tem como consequência, direta e imediata, a dilatação substancial do que vêem como sua área de privacidade. Está, além de móvel, se torna tão ampla que, mesmo de madrugada na casa de seus pais, eles podem se permitir oferecer solidariedade aos amigos que precisam de alguém para dividir suas mágoas ou para partilhar suas alegrias. Os contatos imediatos propiciados pelo uso de atalhos põem por terra diversas barreiras – físicas e simbólicas – e tornam antigas formas de controle obsoletas. Fazem desaparecer os intermediários, as horas e lugares impróprios, ou, ainda, as restrições familiares a um ou outro amigo ou conhecido. Também põem fim à possibilidade de os pais terem conhecimento daquilo que os entrevistados desejam manter distante de seus ouvidos (Nicolaci-da-Costa, 2004, p. 8).

O celular permite o contato imediato com os pares de forma fácil e rápida, tornando possível dividir tudo o que acontece e dando uma sensação de segurança pela possibilidade de compartilhamento com outras pessoas. Conforme Nicolaci-da-Costa (2014, p.8) “de posse de seus celulares, contudo, nunca se sentem sozinhos. Sabem que podem contar com uma extensa rede de solidariedade para os mais diversos tipos de emergência”.

Como visto anteriormente, o uso do celular no Brasil tem crescido em larga escala e cada vez mais cedo o contato com o aparelho se faz presente em nossa sociedade. As relações estabelecidas com o uso dos celulares permitem pensar: a) na interação do sujeito com o celular; b) na interação de vários sujeitos com o celular; e c) nas múltiplas interações em torno do celular, isto é, nas diferentes culturas que se formam através do celular de acordo com a faixa etária do público que o utiliza.

A pesquisa *TIC Kids Online Brasil* (2015) traz dados interessantes sobre com que finalidade os adolescentes utilizam o celular e como elas estão ligadas

a questões escolares e com a manutenção de sua rede de amizades, quando eles as utilizam para enviar mensagens ou ter uma interação por intermédio das redes sociais:

[...] entre as atividades realizadas por crianças e adolescentes na Internet, mantém-se a predominância de ações ligadas à comunicação e ao entretenimento e à pesquisa escolar. Entre as atividades mais citadas pelos usuários de 9 a 17 anos estão procurar informações na Internet para fazer trabalhos escolares (80%), enviar mensagens instantâneas (79%) e usar redes sociais (79%). A ação de baixar aplicativos ganhou destaque, passando de 41%, em 2014, para 75%, em 2015 – resultado convergente com o maior uso de dispositivos móveis por crianças e jovens usuários da rede (TIC Kids Online Brasil, 2015, p.167).

Impossível falar sobre os adolescentes e o uso do celular sem abordar o ambiente escolar, que também tem sido alvo de diversas pesquisas na área da psicologia, levantando pontos de vista diversos e que devem ser estudados e aprofundados. Segundo Correr e Faidiga (2017, p.25),

Essa tecnologia tem causado alterações no ambiente escolar seja pelo grau de dispersão que provoca nos alunos e professores, seja pela possibilidade de bullying e mesmo por seu uso indevido nos trabalhos e provas escolares ou até pela possibilidade de desencadear a nomofobia¹, o medo de se encontrar sem o celular (no mobile).

O aspecto positivo de se unir a tecnologia com a educação também está sendo pesquisado por diversos autores que entendem que a mesma pode ser uma aliada da educação. Sob este entendimento, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) produziu um guia para o incentivo das TICs, entendendo que a proibição das mesmas no ambiente escolar é algo ultrapassado (UNESCO, 2015). Na pesquisa realizada por Rodrigues (2015) em uma escola do Rio Grande do Sul, na qual a utilização das tecnologias alinhada às disciplinas aumentou o grau de interesse dos alunos. Mesmo que o uso destas tecnologias tenha sido feito com restrições, trata-se de um exemplo da união da tecnologia com a educação.

O aparelho celular é uma ótima ferramenta de apoio, pois, quando utilizado de forma adequada, proporciona um maior

¹ O termo nomofobia se refere a um desconforto ou angústia resultante da incapacidade de acesso à comunicação através de aparelhos celulares ou computadores (CORRER; FAIDIGA, 2017).

dinamismo e interatividade às aulas, gerando um crescimento significativo no nível de aprendizagem (Rodrigues, 2015, p.34).

O presente estudo buscou compreender o uso do aparelho celular e das redes sociais virtuais pelos adolescentes e jovens e, a partir disso, refletir como se dão essas formas de relacionamento entre pares na adolescência, considerando os aspectos negativos e positivos que a literatura traz sobre esse fenômeno. Importante ressaltar que o assunto tem despertado o interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento por ser algo atual e que tem tido grande impacto nas formas de se relacionar da atualidade. Por intermédio de uma pesquisa que se utilizou de um questionário de caracterização sociodemográfica e de uma entrevista semiestruturada, buscou compreender a visão dos adolescentes e jovens sobre o uso do celular e das redes sociais virtuais.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou o método qualitativo, isto é, um método de investigação científica que visa o caráter subjetivo do objeto analisado, estudando assim os pontos de vista sobre o grupo-alvo: “na pesquisa qualitativa, o pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (Godoy, 1995, p. 21).

A parte teórica da pesquisa se desenvolveu com a contribuição do trabalho de levantamento de dados bibliográficos secundários. A parte prática foi realizada através de uma pesquisa de campo, realizada por meio da aplicação de um questionário que foi entregue a uma amostra de jovens e adolescentes, e também pela realização de uma entrevista semiestruturada com alguns destes jovens participantes.

O questionário foi aplicado em adolescentes de 15 a 17 anos após autorização de pelo menos um de seus responsáveis legais, formalizada após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ANEXO A), sendo que para os próprios adolescentes foi apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (ANEXO B), visando favorecer seu entendimento da proposta apresentada numa linguagem mais simples e próxima do modo de comunicação que utilizam no dia-a-dia. Quanto aos maiores de 18 anos, eles próprios autorizaram sua participação assinando o TCLE após sua leitura (ANEXO C).

O questionário é um instrumento de coleta de dados composto por questões fechadas em que o respondente assinala uma das alternativas de resposta oferecidas que represente sua opinião sobre o que está sendo perguntado. Ele objetiva levantar dados sobre os participantes, visando identificar suas principais características quanto aos dados demográficos (idade, sexo, nível de escolaridade), uso do celular, amizades, participação em redes sociais virtuais, entre outras.

Na parte final do questionário foi incluído um item que permitiu à pesquisadora ter acesso àqueles jovens e adolescentes que manifestaram interesse na realização da segunda fase do estudo (entrevista semiestruturada).

No total, 16 jovens manifestaram interesse na participação da segunda etapa, porém, a entrevista aconteceu com 6 adolescentes e jovens, cada um/a representante das idades de 15, 16, 17, 18, 19 e 20 anos. Estes participantes foram escolhidos aleatoriamente a partir do critério de terem alguma das idades mencionadas acima e contato com a internet e com *smartphones*.

A entrevista é uma técnica alternativa de coleta de dados na qual uma das partes, o pesquisador, busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.2). Neste trabalho foi utilizada a entrevista semiestruturada, organizada a partir de um roteiro que contempla um conjunto pequeno de perguntas relacionadas aos temas que estão sendo estudados. Estas perguntas favorecem ao entrevistado falar livremente sobre o tema da pesquisa e aos subtemas a ele relacionados, de modo a permitir que ele aprofunde sua reflexão e, ao mesmo tempo, que a entrevista não perca o seu foco. O roteiro da entrevista encontra-se no apêndice deste trabalho (anexo D).

2. 1. Procedimento para coleta dos dados

Os questionários foram disponibilizados de forma impressa para adolescentes e jovens de 15 a 20 anos, sendo que entre os indivíduos de 18 a 20 anos o questionário também contou com uma versão *online*, algo que possibilitou uma divulgação mais rápida e prática.

No primeiro momento, a pesquisadora entrou em contato com lugares em que esses jovens frequentam, como parques e projetos educativos, e contou com o auxílio de pessoas que conheciam adolescentes dessa faixa etária. A divulgação da pesquisa também foi feita nas redes sociais, a fim de recrutar pessoas interessadas em participar do estudo.

As entrevistas ocorreram presencialmente, foram individuais e tiveram duração de cerca de 30 minutos, realizadas de modo descontraído e informal, para deixar os adolescentes e jovens mais tranquilos. Os locais foram escolhidos pelos próprios sujeitos. Tal procedimento foi fundamental para que os entrevistados se sentissem à vontade para revelar à pesquisadora suas opiniões e pensamentos.

2. 2. Participantes

Os participantes da pesquisa foram 49 jovens e adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 20 anos, que residem no município de São Paulo e que tinham acesso ao telefone celular na época da coleta de dados.

Para seu recrutamento, foram estabelecidos alguns critérios, como: os sujeitos deveriam ser jovens e adolescentes entre 15 e 20 anos, e deveriam ter um celular que possibilitasse o acesso à internet. Não foram feitas restrições em relação ao gênero, grau de escolaridade ou poder aquisitivo.

2. 3. Procedimento de análise de dados

A análise dos dados obtidos nos questionários foi feita com o objetivo de mapear os dados de caracterização geral da amostra. No total, a amostra da aplicação do questionário contou com 49 participantes, sendo que os dados obtidos foram analisados e quantificados.

Todas as entrevistas foram integralmente transcritas, agrupadas e, em seguida, submetidas às técnicas de análise qualitativa de discurso, buscando organizar os conteúdos das entrevistas em temas emergentes e, finalmente, em unidades de significado.

2. 4. Procedimentos éticos

Antes da divulgação da pesquisa para a aplicação dos questionários e para a realização das entrevistas, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa da PUC-SP devidamente aprovado de acordo com o número 2.352.046 (ANEXO E).

O primeiro contato com os participantes e responsáveis foi feito com o objetivo de explicar o propósito da pesquisa. Havendo manifestação de interesse e concordância quanto à participação, houve a solicitação da leitura e assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” junto ao do “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido” que contêm informações sobre o objetivo de

pesquisa e as condições para a sua realização. Todos os participantes tiveram a garantia de que suas identidades seriam preservadas quando da publicação do trabalho resultante da pesquisa, bem como foram tomados todos os cuidados para que nenhuma informação que pudesse vir a permitir tal identificação fosse publicada.

3 RESULTADOS

Os questionários aplicados possibilitaram entender um pouco mais como esses jovens e adolescentes interagem com o celular, além de possibilitar o mapeamento dos participantes desta pesquisa.

O questionário foi dividido de acordo com as informações sobre: idade, identidade de gênero e escolaridade; perguntas que buscaram entender como são estabelecidas as relações com amigos, familiares, etc; e perguntas que abordavam como esses jovens e adolescentes se relacionam com o celular, internet e redes sociais.

A pesquisa foi aplicada na cidade de São Paulo e contou com a participação de 49 jovens e adolescentes, sendo que 25,5% da amostra têm idades entre 15 a 17 anos e 73,5% têm idades entre 18 e 20 anos. Em relação à identidade de gênero, 61,2% se declararam como mulher e 38,8% como homem. Sobre a escolaridade, 75,5% estuda ou estudou em escola pública, 10,2% estuda ou estudou em escola particular e 14,3% já estudaram em ambas em algum momento da vida. A maioria da amostra (38,8%) tem ensino superior incompleto, seguido de 34,7% que tem ensino médio completo e 16,3% ensino médio completo; ensino fundamental e superior completo tiveram a mesma porcentagem de 4,1% cada e, por fim, 2% dos participantes têm o ensino fundamental.

3. 1. Visão dos Jovens e Adolescentes Acerca do Uso do Celular: entrevista e questionários

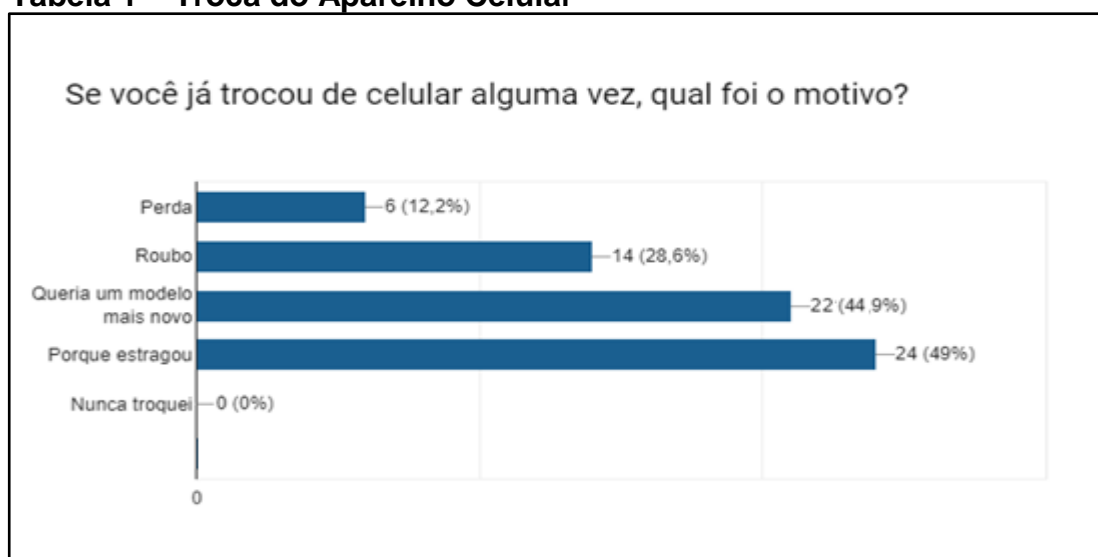
A entrevista buscou compreender de forma aprofundada como esses jovens e adolescentes utilizam o telefone celular: quais as funcionalidades mais utilizadas, a relação com as redes sociais e como os vínculos se estabelecem por meio do mesmo.

Após transcritas, as falas foram unidas com base em suas semelhanças de significados e submetidas à técnica de análise qualitativa. A entrevista foi semiestruturada e algumas perguntas foram feitas de acordo com a necessidade de entender o fenômeno e a visão dos jovens e adolescentes acerca do uso do aparelho celular, levando em consideração as suas subjetividades.

Primeiramente, buscou-se investigar para quem o telefone celular é mais utilizado por esse público. Os seis entrevistados, cada um de uma faixa etária, afirmaram que usam o *smartphone* para se comunicar com os amigos, utilizando principalmente redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook*. A função “fazer chamada telefônica” no aparelho é utilizada como meio de se comunicar principalmente e quase exclusivamente com os pais.

O celular é um aparelho que tem feito parte da vida destes adolescentes desde a infância, como foi evidenciado na pergunta sobre com quantos anos você ganhou/comprou seu primeiro celular. Entre os participantes, a menor idade com que teve essa amostra teve o seu primeiro celular foi 7 anos e a maior idade foi 16 anos. Categorizando as idades que foram dos 7 aos 16 anos é possível observar que, dos 7 aos 10 anos, 32,6% já tinham o seu primeiro celular; dos 11 aos 13 anos, 34,7% já possuía o aparelho; e 24,5% dos sujeitos só foram ter o seu primeiro celular na faixa etária de 14 a 16 anos. Do ponto de vista do consumo dessa tecnologia, no questionário foi investigado o motivo pelo qual os participantes desta amostra já trocaram o celular (nessa questão os sujeitos poderiam assinalar até 2 opções). Como podemos ver na tabela abaixo, todos já trocaram de celular pelo menos uma vez na vida, a grande maioria porque o aparelho estragou, seguido da busca por um aparelho mais novo e/ou porque foi roubado.

Tabela 1 – Troca do Aparelho Celular



Fonte: Pesquisa elaborada pela autora, 2018

Um bom indicador da importância que os celulares assumiram na vida dos entrevistados é o fato de que todos têm seus celulares sempre por perto, uma vez que todos mantêm o celular na bolsa, mochila, na mesa, nos bolsos ou nas mãos em grande parte do tempo. Como vemos nesse relato:

Tenho todo o dia. Sempre está comigo na bolsa, eu durmo com o celular ou do meu lado assim na mesa [aponta]. Eu durmo com o celular de baixo do travesseiro. Até quando eu vou lavar roupa o levo comigo e coloco música. E se eu tiver acesso à internet no lugar em que eu tô comendo, também levo ele, pra as vezes colocar uma música ou então pra quando eu tiver comendo eu vê alguma coisa, mas se eu for, por exemplo, no restaurante da minha faculdade, lá não tem acesso à internet, então quando eu vou comer não levo o celular, porque senão eu ia ficar carregando ele pra nada. Também uso o celular pra tirar fotos de momentos, de coisas legais que eu vejo na rua, acho que em primeiro lugar eu mais uso o celular pra acessar a internet e em segundo pra tirar foto no celular, que é uma coisa que eu acho muito importante nele (garota de 19 anos).

O medo da violência também aparece no discurso de uma adolescente de 15 anos como um limitador de onde é possível levar o aparelho. Porém, mesmo assim, o seu uso continua tendo grande importância para o estabelecimento de seus contatos interpessoais:

Eu tô sempre com o celular, as vezes eu não saio com ele dependendo de onde eu tô, porque eu tenho medo de ser assaltada, não sei, mas eu costumo estar sempre com o celular. Mesmo quando eu não tô com internet 3G ou nada, eu levo o celular. E levo pra entrarem em contato, quando os meus pais me ligam as vezes, dependendo pra onde eu saí e pra mexer quando eu tenho 3G e quando eu não tenho, eu sei lá, fico fuçando a minha galeria e é isso. (garota de 15 anos)

Esses aparelhos fazem parte da rotina desses jovens e ocupam espaços diversos no cotidiano dos mesmos. Como podemos observar no relato da jovem de 20 anos:

Ah, eu tomo banho vendo série, sempre. O meu celular tem um certo controle de água e se pingar um pouquinho de água ele não quebra, então eu o deixo na janela e ligo na série e sei lá, lavo o cabelo assistindo. (garota de 20 anos)

E no relato do jovem de 18 anos:

Carrego o celular desde o trabalho até o banheiro (risos). Durmo com o celular perto da cama carregando. (rapaz de 18 anos)

Manter o *smartphone* por perto mesmo na hora de dormir, o colocando embaixo do travesseiro para caso de necessidade em algum momento durante a noite ou quando se vai ao banheiro demonstra a grande necessidade de estar sempre acessível e ter acesso a aplicativos de entretenimento e relacionamento. Discursos como estes manifestados nas entrevistas se correlacionam com o tempo de uso dos aparelhos que foi evidenciado nos questionários, mostrando a necessidade destes jovens de terem o aparelho sempre disponível: 38,8% utiliza o *smartphone* de 1 a 5 horas por dia; 36,7% fica com o aparelho mais de 10 horas por dia; e 22,4% de 5 a 10 horas por dia. Estes dados são importantes por demonstrarem o quanto estes jovens estão conectados e por quanto tempo utilizam o aparelho.

À questão proposta no questionário “O quanto você considera difícil viver sem celular”, 69,4% das pessoas consideram muito difícil ou mais ou menos difícil viver sem o aparelho, enquanto 28,6% consideraram pouco difícil ou indiferente.

Para compreender como esse público se vê diante da possibilidade de estar sempre acessível estando com o celular em mãos, foi feita a pergunta de como eles se sentiam com a possibilidade de serem encontrados(as) a qualquer momento. Isto foi considerado positivo por quatro jovens mulheres com idades de 15, 16, 17 e 19 anos, como podemos depreender em seus discursos:

Sinto que é mais acessível e é só isso. Que é bom, é melhor, aproxima mais nesse sentido, acho bom. (garota de 15 anos)

É bom né, qualquer hora a pessoa me procura e eu tô ali e isso é bom. (garota de 16 anos)

Tranquila, dá uma sensação de tranquilidade, porque se você for encontrada ok, agora se você não for né, aí complica (risos). Meus amigos me procuram e professores de dança. (garota de 17 anos)

Ah, eu acho que eu fico tranquila em relação a isso, porque quando eu vou sair, eu posto no Instagram pra onde eu to indo, eu gosto que as pessoas saibam onde que eu to e fico de boas com relação a isso. (garota de 19 anos)

Já a jovem de 20 anos considerou o fato de estar sempre acessível pelo celular de forma tanto negativa quanto positiva, fazendo correlação com os dados e informações aos quais as empresas têm acesso:

Bom por um lado, porque é muito fácil das pessoas falarem comigo, então sei lá, para entrevista de emprego e essas coisas é difícil eu perder, porque eu tô sempre atenta, mas é ruim, porque eu me sinto meio que vigiada, pelas redes mesmo. A gente nunca tá seguro, saiu uma notícia agora que o dono do Facebook vendia informações dos usuários para empresas e tal [...] você tem pouca segurança nas suas informações, eu acho. Então qualquer empresa tem acesso ao que você tem dentro do seu celular, suas fotos, até mesmo se você não tiver muito cuidado, senha do cartão do banco, cartão de crédito e essas coisas, acho que é pouco seguro. (garota de 20 anos)

A questão da vigilância também surgiu na fala de um rapaz de 18 anos, quando lhe foi perguntado sobre como se sentia em ser encontrado a qualquer momento:

Perturbador né? muito perturbador isso, porque você simplesmente não tem mais privacidade [...] se você pesquisar, sei lá, meia no Google, no Facebook vai aparecer que você quer meia, então você não tem mais privacidade nenhuma, é vigiado a todo tempo. Mas isso não é quesito para parar de usar, é uma facilidade do celular, como a comunicação, serviços e entretenimento. (rapaz de 18 anos)

Sobre os pontos positivos, todos demonstraram consenso de que o celular facilita a comunicação, auxilia a obter informações e proporciona algumas facilidades com apenas um *click*, como no caso dos aplicativos bancários e de transporte. Também foi relatado como esse aparelho ajuda muitas vezes na organização de tarefas e possibilita um fácil acesso a informações que podem auxiliar em trabalhos escolares e universitários. Alguns entrevistados afirmaram que ter o celular nas mãos equivale a ter um computador e que já tiveram a experiência de fazer trabalhos acadêmicos no aparelho, utilizando ferramentas como *Google*, *Google Drive* e o *e-mail*. Como a adolescente de 15 anos afirma:

Eu utilizo pra fazer pesquisa da escola, muitas, muitas mesmo. (garota de 15 anos)

E a jovem de 19 complementa ao falar dos pontos positivos quando diz:

Fácil acesso a informação, eu posso usar isso como instrumento de busca na faculdade na hora, por exemplo, um professor fala algo que eu não sei na hora e eu pesquiso no mesmo momento. (garota de 19 anos)

E sobre as praticidades que o aparelho pode fornecer a jovem de 20 diz:

[...] você tem tudo na mão a qualquer hora, se você quiser resolver um problema com seu banco é só você entrar no aplicativo do seu banco e você consegue resolver e não precisa ir até o banco. Pra mandar um e-mail você não precisa de um notebook ou um PC, você consegue baixar um aplicativo e mandar o e-mail pelo celular, de forma prática. (garota de 20 anos)

Apesar de algumas escolas ainda proibirem o uso do aparelho em sala de aula, a tecnologia está sempre próxima com esse aparelho, que possibilita aos seus proprietários terem acesso a grande número de informações em pouco tempo. Por isso, fazer trabalhos acadêmicos utilizando o celular é algo que apareceu em muitos desses discursos, porque pode ser feito em qualquer lugar obtendo-se o mesmo resultado que seria alcançado com um computador. Ao falar sobre o assunto, a adolescente de 15 anos afirma que em sua escola é proibido o uso do celular, porém, segundo ela, tem professores que notando o quanto é difícil manter o aparelho longe dos adolescentes, o utiliza como uma ferramenta para os estudos. Como afirma ela própria:

na escola é proibido e eles [coordenação] não gostam, mas tem professor que não liga, tem professor que deixa e tem professor que até manda fazer pesquisa dentro da sala, o que é legal, mas a escola em si não gosta. (garota de 15 anos)

Sobre os pontos negativos do uso do celular e se eles existiam, apesar de admitirem que o celular pode ajudar nos estudos, boa parte dos participantes afirmou que sem organização ele pode gerar distrações e atrapalhar. Eles falaram muito sobre a sensação de estar perdendo muito tempo ao utilizarem o *smartphone*, deixando de fazer coisas importantes:

Acho, que eu perco muito tempo no celular, é fato que ele é necessário eu preciso dele tanto para pesquisas da escola, pra entrar em contato com os meus pais ou para entretenimento, mas as vezes eu sinto que perco muito tempo fazendo coisas desnecessárias, quando eu poderia estar fazendo outras coisas mais construtivas pra mim, pros meus estudos, ficar com alguém da minha família ou

ficar com algum amigo. Então esse é um ponto negativo, porque eu perco muito tempo no celular e acho que não é só comigo né? é com muita gente, isso acontece sempre. (garota de 15 anos)

A distração e o sentimento de ocupar grande parte do tempo, o que acaba atrapalhando muitas vezes nos estudos, aparece no relato da entrevistada de 19 anos:

Como eu uso o celular pra me distrair, eu deixo de ler, as vezes de estudar pra ficar no celular [...] procrastinando, porque deixo de fazer algumas coisas, porque estou mexendo no meu Facebook, por exemplo, e quando o meu celular trava eu fico frustrada e não faço mais nada. (garota de 19 anos)

Quando se trata do uso do celular, a palavra “vício” apareceu em algumas falas, como é possível ver a seguir:

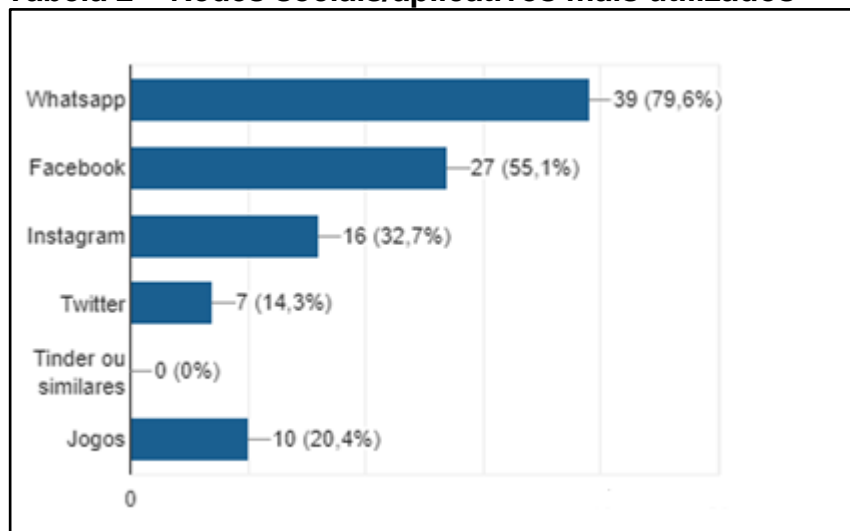
Eu, por exemplo, sou muito viciada no WhatsApp e no Instagram e aí fico só naquilo e acabo esquecendo de fazer as outras coisas” (garota de 16 anos).

E, quando foi perguntado à jovem de 19 anos, por que ela fica tanto tempo com o celular em mãos, a sua resposta foi:

Ah, porque eu não tenho nada pra fazer. Ou porque, talvez eu confesso que sou viciada em celular. Ah, acho que sim, eu tô atoa e vou mexer no celular, se eu to fazendo alguma coisa eu faço no celular. Não fico muito tempo parada, não vou ler um livro, vou ver o celular e isso é ruim.

3. 2. Redes Sociais Virtuais

Pensando na funcionalidade do aparelho e para o que ele é mais utilizado, 89,8% afirmaram que frequentemente utilizam o aparelho para mexer nas redes sociais. De acordo com o estudo, a rede social/aplicativo mais utilizado pelos jovens e adolescentes é o *Whatsapp*, seguido do *Facebook* e do *Instagram*. Nessa questão, os sujeitos poderiam assinalar até 3 opções e também havia a opção “outros”. Segue a tabela que ilustra as respostas a esta questão (Tabela 2).

Tabela 2 – Redes sociais/aplicativos mais utilizados

Fonte: Pesquisa elaborada pela autora, 2018.

Nas entrevistas, ao se falar sobre as redes sociais e se sobre quais delas agregam características positivas e quais teriam mais características negativas, os discursos foram no sentido de considerar que a internet pode oferecer coisas boas, como o acesso a informações diversas que vão ao encontro dos gostos de cada um. As redes sociais *Facebook* e *Instagram* foram consideradas as mais nocivas entre os participantes dessa amostra, que apontaram que elas acabam gerando sentimentos ruins como tristeza, raiva, angústia e ansiedade, sentimentos decorrentes de padrões impossíveis de serem seguidos, como afirma a jovem de 19 anos:

Acho que assim, tem coisas na internet que pode fazer as pessoas melhorar, mas eu acho que elas deixam as pessoas mais tristes, porque é tanta exposição de blogueiras e a pessoa quer alcançar aquela vida e não tem como ela ter aquela vida. E isso acaba frustrando a pessoa e ela vai se tornando alguém triste, acho que é alguma coisa assim que acontece. Eu tenho essas blogueiras, mas não fico muito ligada nisso, antes sim, até uns dois anos atrás sim. Eu via bastante, agora eu não ligo mais, vejo coisas mais dos meus amigos, das pessoas que estão por perto do que de gente que eu nunca vou conhecer. Não fico colocando muita expectativa de vida de pessoas que eu nem conheço, com a vida que eu nem tenho. (garota de 19 anos)

Para eles, a rede social oferece possibilidade de as pessoas selecionarem o que querem postar e o que querem que os outros saibam e vejam, o que, para

o jovem de 18 anos, é o motivo que o leva a considerar o *Instagram* como a rede social mais prejudicial:

Todo mundo que tem Instagram e é ativo no Instagram, posta apenas uma parte do seu dia que foi feliz. E aí, a gente vendo aquele tanto de stories, aquele tanto de postagens, de viagens, a gente fica tipo: “porque que todo mundo viaja e só eu que tô aqui, trabalhando e tudo mais?”, mas na verdade é só uma parte, um momento de uma pessoa que você está vendo, não quer dizer que a vida dela seja assim. (rapaz de 18 anos)

Manter a aparência de estar feliz e viver apenas coisas boas e legais é uma característica dessas redes sociais virtuais. Muitas vezes, manter essa máscara a todo custo faz com que outros sentimentos como raiva, angústia e tristeza não possam ser compartilhados porque tais manifestações não são alvos de curtidas e tampouco são aprovadas socialmente nas redes.

Quanto ao grau de satisfação com suas vidas, no geral, 67,3% relataram se sentir mais ou menos satisfeitos, 28,6% muito satisfeitos e 4,1% nada satisfeitos. Quando se articula as narrativas das entrevistas com esses dados coletados nos questionários, é possível entender como o grau de satisfação com a própria vida também pode estar relacionado com o fato de que muitos têm contato com padrões elevados e inalcançáveis nas redes sociais.

A adolescente de 15 anos pontuou que as redes sociais podem ser prejudiciais quando se tenta seguir um padrão ou estilo de vida, mas a mesma encontrou formas para lidar com essas questões:

Acho que o melhor que eu possa fazer é não seguir pessoas que pregam esse tipo de coisas. Tem várias outras formas de você buscar inspirações e pessoas com as quais você se identifica, até mesmo amigos, pessoas próximas de você nas redes sociais e tem como você se aproximar de tudo isso sem que necessariamente você precise se machucar, se ferir e não virar algo tóxico. Se afastando desse tipo específico de perfil e de conta, de pessoas que pregam isso. (garota de 15 anos)

3. 3. Amizades e comunicação

O uso do celular com o objetivo de se comunicar e manter o contato com os amigos é o fator que mais faz com que o aparelho seja utilizado por esses jovens e adolescentes. Os questionários constataram que 84% desses jovens e

adolescentes utilizam o celular sempre ou frequentemente para falar com os amigos.

Amizades que são feitas tanto no ambiente *online* através de aplicativos como as feitas fora desse contexto, na escola, cursos, a partir de outros amigos, etc., acabam migrando para o meio *online*, sendo esta uma forma de ampliar as amizades para além do espaço presencial, eliminando as barreiras que possam existir. Como a adolescente de 17 anos afirma:

tudo acaba no online, não tem diferença. Hoje em dia é muito difícil alguém não ter o Whatsapp, não ter um Facebook, então todos se vinculam ao ambiente online.
(garota de 17 anos)

Ainda sobre o tema amizades, foi feita a pergunta “Você acredita que é possível ter amizades verdadeiras no ambiente *online*?”, sendo que 67,3% afirmaram ser possível. Em uma questão em que se perguntava se hoje em dia está mais difícil de se fazer amizades fora do contexto *online*, houve uma verdadeira divisão, na qual 51% acreditam que não e 49% afirmam que sim.

Dos seis entrevistados, apenas a jovem de 20 nunca fez amigos no ambiente *online*, porém, ela acredita que seja possível ter amigos verdadeiros através desse meio. Ao ser perguntada se as redes sociais facilitam ou dificultam o estabelecimento de amizades, a mesma demonstrou entender que as redes sociais pode ser uma extensão das amizades presenciais, que possibilitam conhecer mais as pessoas e auxiliar no momento de conversar, ao dizer:

Acho que facilita, porque você tem mais acesso as pessoas né, então tipo sei lá, você comentou em um post que a pessoa fez, e aí você vai ver essa pessoa pessoalmente, você tem um assunto com ela e aí já pode começar uma amizade daí. (garota de 20 anos)

Os demais participantes da segunda fase da pesquisa já fizeram amigos *online* de diversas formas e por fontes diferentes, e, segundo eles próprios, mantêm laços significativos com essas pessoas. Como a adolescente de 15 anos relata, ao contar de seus amigos que foram feitos através das redes sociais:

Muitos [amigos], talvez até mais do que eu tenha na vida real. Eu tenho gostos e gosto de coisas que a maioria dos jovens da minha idade não gostam, enquanto eles estão preocupados com algumas coisas eu tô preocupada com outras, então a internet me aproxima mais de pessoas que

têm os mesmos interesses que eu, então eu tenho muitos amigos na internet. (garota de 15 anos)

Da mesma forma, o jovem de 18 anos parece ter uma opinião parecida com a adolescente acima, quando fala dos seus amigos:

Uma vantagem de se ter amigos online, pelo menos as minhas feitas através dos jogos, é ter amigos de 5 - 6 anos e eles não demonstrarem interesse pelo o que você tem, pelo menos os meus. A gente se fala só pra jogar, se eu sou rico ou pobre, se eu tenho carro ou não tenho, isso não difere e já na vida real tem aquela certa inveja por você [...] no online as pessoas estão ali só pelo papo e pela amizade. (rapaz de 18 anos)

Ou as amigadas da adolescente de 16 anos, que, ao comparar os amigos que foram feitos pelo *Facebook* através de um fã clube e aquelas feitas na escola, afirma:

as online não são muito presentes, na verdade nem as do dia-a-dia são muito presentes, mas a diferença é que as que tá distante por mais que não seja tão perto e não ter muito contato comigo, quando eu mais preciso elas sempre estão ali. Já as de perto não, elas ficam ali comigo, mas não é sempre que eu preciso que elas estão comigo. (garota de 16 anos)

Também foi perguntado se eles acreditam que podem recorrer a esses amigos *online* em momentos de dificuldades e todos acreditam que é possível, como o jovem de 18 anos:

Sim, amizade é amizade, não tem essa. Se você tem um grande amigo na vida real ele vai te ajudar, se você tem um grande amigo no mundo virtual ele também vai te ajudar, o que difere é a distância. (rapaz de 18 anos)

Porém, em momentos difíceis, há uma busca por pessoas de seu convívio presencial que também são consideradas como apoio social, como os amigos da escola, familiares, amigos do prédio/rua, etc.

Mesmo sendo o celular um potencializador para trocas com os pares, como fica evidente na fala desses jovens e adolescentes, as respostas ao questionário apontaram na pergunta sobre se sentir sozinho ou solitário que a maioria, 44,9%, afirmou que se sente só às vezes, 18,4% falaram que se sentem só e, em contrapartida, 36,7% afirmaram que não se sentem só.

Por outro lado, quando estão sós, a frequência de utilização do aparelho aumenta, uma vez que 79,6% afirmam utilizá-lo nesse momento, podendo neste caso serem levantadas duas hipóteses: a) que eles buscam nas redes sociais virtuais uma fuga da solidão, ou b) que a própria interação com o celular gera essa sensação de solidão.

A última pergunta feita para esses jovens e adolescentes foi: “se o celular deixasse de existir, o que mudaria na sua vida?” As opiniões foram interessantes e diferentes. Temos aqueles que ressaltaram que teriam mais tempo para se dedicar a outras coisas em suas vidas e até quem acredita que os vínculos de amizade melhorariam e possivelmente se tornariam mais fortes. Como ressalta a jovem de 20 anos:

Acho que ia ser bom, em questão de relacionamento interpessoal, acho que seria bom, porque as pessoas iam ter menos nóias e elas teriam mais o que querer saber um do outro, tipo, “o que você faz da vida?” e realmente você não iria saber o que a pessoa faz e assim as pessoas estariam mais interessadas umas nas outras e não vê tudo pela internet. Quando vê o perfil não tem tanto assunto. (garota de 20 anos)

Porém, o que todos concordaram e que já foi ressaltado é que o celular é muito usado como fonte de pesquisa e para se comunicar com os outros. Como a adolescente de 15 anos destacou bem, ao falar como o celular é uma ferramenta importante de pesquisa e comunicação:

Muita coisa, não só na minha vida, mas na vida de todo mundo, nossa ia mudar tanta coisa (risos). Tipo, completamente, eu uso a internet e o celular pra estudar, pra falar com os meus amigos, pra falar com os meus pais, pra pegar inspiração de dança que é uma coisa que é bem forte na minha vida, pra pesquisar, pra saber das coisas, sim eu uso para entretenimento, mas eu também uso muito pra me informar sabe? então se eu ficasse sem celular iria mudar absurdamente as coisas, iria ficar tudo mais difícil. Um impacto geral, mundial. (garota de 15 anos)

Esses dados aqui explicitados são importantes para compreender os usos e funcionalidades do aparelho celular para esses jovens e adolescentes. Também para entender como as relações de amizade são estabelecidas através deste aparelho, como eles se veem diante de suas relações com os

outros e consigo mesmos, possibilitando formar uma visão ampla de como o celular é utilizado pelos jovens e adolescentes participantes desta pesquisa.

4 DISCUSSÃO

Apesar das diferentes idades, é possível observar que algumas opiniões são comuns entre esses jovens, como: o uso dos celulares e suas facilidades, a comunicação que eles favorecem, os pontos positivos, os pontos negativos e as amizades que são estabelecidas e mantidas através desse recurso. Ao unir os dados que foram coletados nos questionários com as entrevistas, notamos que a questão sobre a dificuldade em se viver sem o celular é grande, porque ele permite a interação com diversas ferramentas que fazem parte do dia-a-dia desse público e que socialmente são importantes na realidade desses adolescentes. Como Castells (2003) ressalta em sua obra, as TIC's possibilitam a interação e formação de novas redes para interagir e se comunicar.

Por isso, o consumo dessa tecnologia está atingindo esse público desde a infância. Um dado que também chama atenção na pesquisa são os motivos pelos quais esses jovens e adolescentes trocam de aparelho: o primeiro é porque estragou, e podemos pensar que esse problema que impossibilita o seu uso pode estar relacionado com a questão da obsolescência programada² que norteia grande parte dos produtos existentes hoje em dia, ou até mesmo se relacionar com o fato do mal uso do aparelho, uma vez que na infância grande parte dessa amostra já tinha celular e, quando crianças, os cuidados e responsabilidades para com o aparelho são menores.

A busca por um aparelho mais novo se relaciona à questão do capitalismo que norteia nossa sociedade, onde um produto com uma nova funcionalidade está sempre sendo lançado, e, para o grupo de jovens e adolescentes, isso pode ser um fator que mobiliza a busca por esses aparelhos cada vez mais modernos.

Nesse sentido, compartilhar destas inovações com o grupo de amigos torna-se muito mais interessante, pois entre amigos, é permitido "falar a mesma língua". Frente a essa perspectiva, pode-se considerar que o aparelho móvel é o grande aliado dos adolescentes em função do que ele representa para esse grupo. Por isso estar bem informado sobre telefone celular já faz parte das prioridades de interesse dos jovens. E isso justifica porque no seu ponto de vista, é tão difícil viver sem o aparelho (Verza, 2018, p.88).

² A obsolescência programada, para os que ainda não estão familiarizados com o conceito, é uma estratégia da indústria para "encurtar" o ciclo de vida dos produtos, visando a sua substituição por novos e, assim, fazendo girar a roda da sociedade de consumo (SILVA, 2012, p.182)

Ter acesso ao mundo através de um pequeno aparelho torna as barreiras físicas um mero detalhe, pois é possível estar conectado e recebendo informações a todo tempo e em qualquer lugar. Lugares diversos e inusitados, como o tão citado banheiro, se tornam viáveis para utilização do celular. A necessidade de se manter em contato, recebendo e enviando informações, fazem desaparecer os lugares e horários impróprios ou as restrições familiares/escolares, uma vez que o aparelho cabe nas mãos e oferece a possibilidade de se conectar ao mundo com um simples toque de tela.

As TIC's rompem as barreiras físicas e simbólicas que possam existir, dando uma autonomia e poder de escolha grande para os adolescentes e jovens do estudo. Para os adolescentes de 15 a 17 anos, o momento atual de suas vidas ainda é muito marcado pelo autoconhecimento e entendimento de si mesmos. E isto pode servir também para os jovens de 18 a 20 anos, que possivelmente já têm maior autonomia, mas ainda respondem aos pais e agora passam a assumir algumas responsabilidades da vida adulta e os dilemas da mesma.

O sofrimento é um tema que aparece na fala desses jovens e adolescentes, causado pela distração e pela sensação de estar perdendo muito tempo utilizando o celular. Essa questão parece ter um peso ainda maior para os jovens de 18 a 20 anos, diferentemente dos adolescentes de 15 a 17 anos que ainda estão em uma fase da vida na qual burlar as normas da escola para o uso do celular é muito comum, ou que, mesmo reconhecendo que o aparelho pode atrapalhar eventualmente, sabem que seu uso os torna mais aceitáveis socialmente. Não é à toa que a palavra vício foi bastante comum no discurso deles, sendo que cada um tem uma forma de lidar com a questão que ainda é objeto de reflexão por parte deles.

Os estudos são afetados por esse uso cada vez maior do *smartphone* por dois vieses: a) pelo uso indiscriminado, gerando a desatenção ou b) como uma ferramenta de conhecimento positiva. A habilidade desses jovens e adolescentes permitem que eles consigam realizar muito mais do que simples pesquisas no aparelho; eles produzem trabalhos escolares/acadêmicos através desse meio. No entanto, realizar essas atividades acadêmicas pelo celular pode favorecer a distração, uma vez que, conectados durante essa produção, o

recebimento de mensagens e notificações está ocorrendo a todo instante e, assim, a atenção entre os conteúdos escolares e o entretenimento fica dividida.

Outro assunto interessante abordado nas entrevistas é sobre as redes sociais consideradas por eles prejudiciais e que geram sentimentos ruins, justamente as mais utilizadas de acordo com a análise dos dados do questionários aplicado com as narrativas das entrevistas. As redes do *Instagram* e do *Facebook* foram as mais criticadas nesse quesito, principalmente porque nelas há forte tendência de comparação da vida dos outros com suas próprias vidas. Para eles, isto gera uma sensação de que todos aqueles momentos felizes só acontecem com o outro, algo que é reforçado nas publicações e visualização dos perfis virtuais. Interessante notar que esta não é uma realidade muito distante do episódio da série *Black Mirror* (2011) referida no início deste trabalho, uma vez que o mundo das aparências é o que mais é curtido, visualizado e compartilhado.

Mesmo que os participantes do estudo considerem que essas redes sociais virtuais de relacionamento causam algum prejuízo, esta consideração não faz com que eles diminuam a frequência de entrada e acompanhamento destas redes, uma vez que o contato com os outros e até mesmo com as postagens de momentos felizes é algo que amplia o círculo de amigos e aumenta a aceitação no grupo.

Cabe ao outro a aprovação da imagem de felicidade construída, da fachada social desejada. O outro representa o lugar de legitimação do sujeito, revelando o caráter colaborativo da existência. Isto é, sem a cumplicidade do interlocutor, a identidade e os papéis representados não adquirem a validade necessária à interação (Carrera, 2014, p.37).

Continuando nessa linha, Carrera (2014) ressalta:

Dentro dessa perspectiva, os sites de redes sociais, como no caso do Facebook, ajudam nessa busca pela representação da felicidade e, sobretudo, na procura por aquele agente legitimador do discurso perene do “ser feliz”. Seus artifícios tecnológicos mostram que todo aquele ambiente no qual se constrói a fachada da sua identidade é propício ao registro de momentos felizes (Carrera, 2014, p.37).

O que esses jovens e adolescentes colocam como um problema é o que eles próprios reproduzem em suas redes sociais, selecionando e editando suas

publicações para poderem postar aquilo que eles consideram ter de melhor. Os entrevistados conseguem perceber o quanto esse tipo de conteúdo acaba sendo prejudicial e buscam estratégias para lidar com isso, mas ainda se veem como reprodutores desse ideal de belo que está nas redes sociais, na televisão, na revista ou nos *outdoors*.

A sociedade capitalista em que vivemos vende, reproduz e impõe esse padrão de vida. Sob esta lógica mercadológica, adolescentes e jovens atuais que ainda estão em fase de construção de suas identidades adultas são um dos elos vulneráveis destas redes sociais virtuais de relacionamento, e demonstram ainda estar desenvolvendo recursos para lidar com toda a gama de situações que o mundo virtual oferece.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse conjunto de TIC's gera uma nova forma de organização social, o da sociedade em rede, onde tudo e todos se conectam (CASTELLS, 2000). O ambiente social e cultural no qual o indivíduo se desenvolve traz consigo formas de organização subjetiva, o que interfere na construção do sujeito, seja em suas relações interpessoais saudáveis, seja no seu próprio processo de adoecer. É impossível conhecer o indivíduo e sua psique sem levar em conta a cultura e a sociedade na qual ele vive e a partir da qual se constitui como sujeito.

A literatura discutida neste trabalho aponta duas posições divergentes quanto ao papel atual das tecnologias de comunicação e informação: uma delas afirma que estar conectado virtualmente gera pessoas mais alheias umas às outras, enquanto a outra propõe que se conectar é uma nova forma de manter os relacionamentos. Quanto a isso, os jovens e adolescentes participantes do presente estudo trazem aspectos interessantes para entender a questão: há aqueles que veem o acesso à internet como um benefício por favorecer o estreitamento dos laços que mantêm com os amigos, e aqueles que têm a impressão de que se o celular com acesso à internet deixasse de existir os laços com os outros se estreitariam ainda mais.

Mas o que vemos é que todas as revoluções tecnológicas que vêm ocorrendo nas formas de produção e trabalho e que têm se disseminado nas grandes cidades já fizeram com o que o olhar para com o outro mudasse. As “relações líquidas” (BAUMAN, 2004) e a “atitude blasé” (SIMMEL, 1976) estão bastante ligadas às sociedades urbanas, e esse fenômeno já ocorre bem antes do acesso à internet através do celular. Porém, as possibilidades que esse aparelho de fácil manuseio e com tantas funcionalidades pode fornecer faz com que ele seja extremamente atrativo, podendo até mesmo auxiliar a fuga dos indivíduos da própria sociedade individualista que foi criada, ainda que se trate de uma fuga virtual e provisória. Com o aparelho em mãos é possível entrar em contato com muitas informações externas e, assim, tirar o foco de si mesmo e de suas questões aflitivas, tornando secundário o hábito de olhar para si mesmo(a).

É inegável que o celular traz funcionalidades que facilitam o dia a dia de todos, mas a reflexão que precisa ser feita é de que modo essa dinâmica ágil e

veloz propiciada pelo uso do *smartphone* com todos os recursos virtuais que ele contém tem impactado a própria subjetividade humana. A impressão que fica é que, especialmente nos grandes centros urbanos, diante da vida agitada que os indivíduos levam, ter um aparelho celular que possibilita o contato com o outro em uma esfera que supera as barreiras físicas e simbólicas acaba permitindo a fuga dessa realidade tão dura, ainda que seja uma fuga provisória.

Um dos grandes pontos negativos do celular com acesso às redes sociais é que ele pode gerar sentimentos como angústia, ansiedade e tristeza, entre outros sentimentos ruins, uma vez que há um grande compartilhamento de aspectos da vida que expressam padrões nem sempre possíveis para a maioria daqueles que frequentam as redes sociais. O consumo de viagens, passeios, alimentação, procedimentos estéticos, entre muitos outros, é algo compartilhado largamente nas redes sociais virtuais como *Instagram* e *Facebook*, sem contar os padrões de beleza e comportamento a que todos são expostos, exemplos de formas de vida que não são alcançáveis para a maioria das pessoas, principalmente para esses jovens e adolescentes. Impossível negar o impacto que somente momentos felizes causam nas pessoas. A tristeza, insatisfação, frustração e um dia a dia real com seus altos e baixos raramente é expresso no mundo virtual, mas negar esses sentimentos e acontecimentos cotidianos banais é negar a própria condição humana.

Apresentando-se como um modelo consistente de conduta e, até mesmo, de saúde mental, a felicidade está presente nos mais diversos discursos, se infiltrando nos diferentes campos de atuação humana para a elaboração de um cerco comportamental significativo. Mais do que um desejo, um alvo inalcançável, a felicidade está sendo posta como algo tangível, um objetivo estimulado, um atributo fundamental para o convívio em sociedade (Carrera, 2014, p.36).

A amizade foi outro ponto abordado neste estudo, e, segundo foi discutido, atualmente não há distinção entre as que são feitas pessoalmente e aquelas feitas através das redes sociais virtuais. Todas as amizades feitas fora do espaço virtual passam a fazer parte da rede *online* porque isto facilita a comunicação e a troca desses jovens e adolescentes com as pessoas das suas redes de relacionamento. Dessa forma, nossa pesquisa demonstrou que para os participantes as amizades feitas no âmbito *online* também são importantes em suas vidas. Se antigamente o contato com os amigos da escola só poderia ser

feito dentro do espaço escolar, agora ele pode ser mantido através das redes sociais e aplicativos em qualquer lugar, não precisando esperar o momento de reencontro pessoal para contar uma novidade ou pedir ajuda, já que ele pode ser feito no mesmo instante através do *WhatsApp*. Gera-se, assim, uma rede de apoio que pode ser acionada a qualquer momento.

A pesquisa mostra que os jovens e adolescentes desta amostra conseguem distinguir os benefícios do uso da internet quando falam sobre como utilizam o celular para fazer pesquisas, se manter informados, para tornar tarefas do dia a dia mais rápidas e práticas, manter e fazer novas amizades e para o entretenimento. Também admitem que usam este aparelho muito mais do que deveriam, uma vez que, da mesma forma que ele auxilia em questões escolares e nas conversas com um número maior de pessoas, também provoca muita distração. Sem dúvida, é algo que deve ser gerenciado e trabalhado, pois eles ainda estão em desenvolvimento e caminhando para uma vida adulta, necessitando de modelos que favoreçam o entendimento de qual é o melhor momento e quais as formas mais adequadas do uso dessa tecnologia. Com isso, poderão diferenciar e saber agir nas situações que lhes trazem prejuízos.

Temas que envolvem o uso das redes sociais por jovens e adolescentes não se esgotam. Cabe à psicologia, como área do saber responsável pelo comportamento humano e sob um olhar biopsicossocial, continuar investigando de que modo essas novas tecnologias digitais que favorecem o acesso à internet e o estabelecimento de relações com um número cada vez maior de pessoas, e que fazem cada vez mais precocemente parte de nossas vidas, impactam as formas contemporâneas de estabelecimento de vínculos.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BUCHIANERI, Luís. **Adolescência, velocidade e tédio**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.htm>. Acesso em: 14 set. 2017.

CARRERA, Fernanda. O imperativo da felicidade em sites de redes sociais: materialidade como subsídio para o gerenciamento de impressões (quase) sempre positivas. **Revista Eptic Online**, Bahia, v.16, n.1, p.33-44 jan-abr. 2014

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 244p.

_____. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura**; Vol. 1. 6ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CORRER, R; FAIDIGA, M.T.B. O uso do celular por adolescentes: impactos nos relacionamentos. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 24-39, 2017.

ESTEFENON, S.G.B.; EISENSTEIN, E. **Geração Digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para as crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2008.

FORTUNATI, L.; MANGANELLI, A. M. El teléfono móvil de los jóvenes. **Revista de Estudios de Juventud**, n. 57, p. 59-78, 2002.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. São Paulo: Schwarcz, 2015.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63. abr. 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2015. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal [online]**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

KEHL, Maria Rita, **O tempo e a depressão**. 2008. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=203>>

MOCELLIM, Alan. Simmel e Bauman: Modernidade e Individualização. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política**, Santa Catarina, v.4, n.1, ago-dez. 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.17, n.2, p. 50-57, mai-ago 2005.

_____ Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.20, n.2, p. 165-174, mai-ago 2004.

PALÁCIOS, Marcos Silva. Cotidiano e sociabilidade no cyberspaço: apontamentos para uma discussão. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José (orgs.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro, 1996, p. 87-104. Disponível em: <<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/biblioteca/palacios.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

PEREIRA, A. C. A. Capítulo 1: Um período de transições. In: **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 2005, p. 1-11.

RIBEIRO, Marcelo Afonso; UVALDO, Maria da Conceição Coropos; FONÇATTI, Guilherme de Oliveira Silva; AUDI, Débora Amaral; AGOSTINHO, Marcelo Lábaki; MALKI, Yara. **Ser adolescente no século XXI**. In: *Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos* [S.l: s.n.], 2016.

RODRIGUES, Daniele. **Uso do Celular como Ferramenta Pedagógica**. 2015. 36 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Mídias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134444/000986009.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

SCHILLER, Dan. **A Globalização e as Novas Tecnologias**. Lisboa: Presença. 2002.

SILVA, Andressa H.; FOSSÁ, Maria I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v.17, n.1, p. 1-14, 2015.

SILVA, Maria. Obsolescência Programada e Teoria do Decrescimento Versus Direito ao Desenvolvimento e ao Consumo (sustentáveis). **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v.9, n.17, p.181-196. jan.-jun. 2012.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil**. Brasil: Nic.br / Cetic.br, 01 out. 2015. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/kids-online/publicacoes>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

TURKLE, Sherry. **Conectado, mas só**. 2012. (19 min.). son., P&B. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together?language=pt-br>. Acesso em: 03 abr. 2017.

VERZA, Fabiana. **O uso do celular na adolescência e sua relação com a família e grupo de amigos**. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

7 ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Jovens e Adolescentes na Era da Informação: novas formas de se relacionar” sob a responsabilidade da pesquisadora Elaine Silva de Melo, a qual pretende compreender o uso das redes sociais e do celular por jovens e adolescentes.

A participação do seu filho(a) é voluntária e se dará por meio de um questionário a ser preenchido (primeira fase) e/ou uma entrevista semiestruturada (segunda fase), sendo essa última opcional. Os riscos decorrentes da participação na pesquisa são mínimos. Se você aceitar, estará contribuindo para o conhecimento na área da Psicologia.

Seu/sua filho(a) será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. A participação dele é voluntária.

Se depois de consentir a participação do seu filho(a) o Sr(a) desistir de continuar participando, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a identidade do seu/sua filho(a) não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação poderá entrar em contato com O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Campus Monte Alegre localizado no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 e-mail:cometica@pucsp.br

Consentimento Pós-Infomação

Eu, _____ RG _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer, porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, concordo que meu/minha filho(a) participe do projeto, sabendo que ele(a) não vai ganhar nada e que poderá sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

São Paulo, ___ de _____ de 201__

 Assinatura do responsável
 Pesquisadora

Assinatura da

Via Entrevistado**Consentimento Pós-Infomação**

Eu, _____ RG _____, responsável pelo (a) _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, concordo que meu/minha filho(a) participe do projeto, sabendo que ele(a) não vai ganhar nada e que poderá sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

São Paulo, ___ de _____ de 201__

 Assinatura do responsável do menor
 Responsável

 Assinatura da Pesquisadora
 Contato: elaine.melo94@hotmail.com

ANEXO B - ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Adolescentes e Jovens na Era da Informação: novas formas de se relacionar”. Estamos interessados em saber o que você pensa e como utiliza o telefone celular e as redes sociais.

Lembrando que não existem respostas certas ou erradas, apenas nos interessa saber a sua opinião. Suas respostas serão tratadas de forma SIGILOSA, isto é, ninguém ficará sabendo o que foi respondido e você não será identificado em nenhuma publicação. A sua participação é voluntária e se dará por meio de um questionário a ser preenchido (primeira fase) e uma entrevista (segunda fase) que você poderá escolher participar ou não.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Está livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do RG _____, fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, ____ de _____ de 201 ____.

Assinatura do (a) menor
Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Eu, _____, portador(a) do RG _____, fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, ____ de _____ de 201 ____.

Assinatura do (a) menor
Responsável

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Adolescentes e Jovens na Era da Informação: novas formas de se relacionar”. Estamos interessados em saber o que você pensa e como utiliza o telefone celular e as redes sociais.

Lembrando que não existem respostas certas ou erradas, apenas nos interessa saber a sua opinião e suas respostas serão tratadas de forma SIGILOSA, isto é, ninguém ficará sabendo o que foi respondido e você não será identificado em nenhuma publicação

A sua participação é voluntária e se dará por meio de um questionário a ser preenchido (primeira fase) e uma entrevista (segunda fase) que você poderá escolher participar ou não.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você estará livre para participar ou recusar-se. Se depois de consentir a participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Para qualquer outra informação poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 e-mail:cometica@pucsp.br

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____ RG _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

São Paulo, ___ de _____ de 201__.

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador
Responsável

ANEXO D - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data:

1. Para o que você mais utiliza o telefone celular?
2. Você tem o celular sempre por perto (onde)?
3. Como você se sente com a possibilidade de ser encontrado(a) a qualquer momento e hora?
4. Você acha que tem algum ponto negativo em se ter um celular e acesso a internet e as redes sociais? Se sim, qual?
5. E quais os pontos positivos de ter um celular com acesso a internet e redes sociais?
6. Quais redes sociais você utiliza em seu dia-a-dia?
7. Tem alguma rede sociais que você acredita pode te deixar mais ansioso, triste, angustiado ou que te proporcione algum sentimento ruim? Qual e porquê?
8. E tem alguma que te ajuda e é positiva na sua vida? Qual e porquê?
9. Você tem amizades que foram feitas através das redes sociais? E existe diferença dessas amizades para as que você fez fora do ambiente online?
10. Acredita que pode recorrer a esses amigos online sempre que precisar?
11. Se deixasse de existir o celular, o que você acha que iria mudar nas formas de se fazer amizades?
12. Você acha que diminuiria a quantidade de amigos que você tem hoje em dia?
13. Tem alguma coisa que eu não te perguntei e você acha que é legal estar falando? Relacionado ao tema.

ANEXO E - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Adolescentes e Jovens na Era da Informação: novas formas de se relacionar. **Pesquisador:** Plínio de Almeida Maciel Junior **Área Temática:**

Versão: 1

CAAE: 78954617.5.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.352.046

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em

Psicologia, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Elaine Silva de Melo, sob a orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior.

A proposta informa resumidamente que "(...) O conceito de capitalismo informacional foi proposto na obra clássica de Manuel Castells "A Sociedade em Rede" (2002), e elege a tecnologia de informação como parâmetro das mudanças sociais que reorganizaram o modo de produção capitalista a partir da década de 1980. Castells observa a sociedade da virada do século XX para o século XXI e vislumbra uma nova realidade de práticas sociais geradas pelas transformações decorrentes da "revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação" (Castells, 2002, p. 39). Na atualidade, meios de comunicação tecnológicos propiciados pelo advento da internet fazem parte do cotidiano e mantêm todos conectados e recebendo informações a todo o instante. Com isso, um novo fenômeno vem surgindo: as relações dos indivíduos cada vez mais

têm acontecido através das redes sociais virtuais. A partir desse contexto, o presente estudo tem como objetivo compreender o uso das redes sociais virtuais pelos adolescentes e, a partir disso, refletir de que modo este uso tem interferido nas relações interpessoais que eles mantêm presencialmente com seus pares. Como metodologia será utilizada a técnica de levantamento de dados bibliográficos para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, um questionário e uma entrevista semiestruturada. Participarão da pesquisa jovens e adolescentes na faixa etária de 14 a 20 anos e residentes da cidade de São Paulo, visando compreender qual a visão desse grupo com relação ao uso das redes sociais virtuais e às formas de relacionamento interpessoal que ocorrem no cotidiano e fora das redes virtuais. Faz-se necessário entender algumas das características peculiares à sociedade contemporânea informatizada, as formas de comunicação mais utilizadas hoje em dia, um pouco do funcionamento das redes sociais virtuais e a visão dos jovens e adolescentes que dela fazem uso sobre esse fenômeno.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender o uso das redes sociais virtuais pelos adolescentes e, a partir disso, refletir de que modo este uso tem interferido nas relações interpessoais que eles mantêm presencialmente com seus pares

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são de fato baixíssimos.

Os benefícios são de grande valor científico e acadêmico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a pesquisa possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados a contento, conforme orienta a Resolução CNS/MS nº 466/12, os Regimento e Regulamento

Interno do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP e o Manual Ilustrado da Plataforma Brasil, disponíveis para consulta no site: www.pucsp.br/cometica

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se a aprovação na íntegra da pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_998329.pdf	16/10/2017 20:29:51		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_998329.pdf	16/10/2017 20:03:43		Aceito
Outros	oficiodeapresentacaopreenchido.docx	16/10/2017 19:48:15	Plínio de Almeida Maciel Junior	Aceito
Parecer Anterior	ParecerdoProjeto.pdf	16/10/2017 19:47:01	Plínio de Almeida Maciel Junior	Aceito
TCLE / Termos de	TCLEeTALE.docx	16/10/2017	Plínio de Almeida	Aceito

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEeTALE.docx	19:46:47	Maciel Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodeTCC.pdf	16/10/2017 19:46:36	Plínio de Almeida Maciel Junior	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoassinada.pdf	16/10/2017 19:37:54	Plínio de Almeida Maciel Junior	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 26 de Outubro de 2017

Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C**Bairro:** Perdizes**CEP:** 05.015-001**UF:** SP**Município:** SAO PAULO**Telefone:** (11)3670-8466**Fax:** (11)3670-8466**E-mail:** cometica@pucsp.br